

# MESA POST A

Paula  
Borghi

*t*  
*r*  
*a*  
*g*  
*o*

Há um vacilo cíclico entre tensão e tesão. O espectador pode se levar por uma leitura mais racional ou se deixar tomar pela sensualidade das esculturas. Aquele ligado a referências históricas<sup>2</sup> percebe a continua construção e desconstrução da forma e daquilo que se formaliza. Cachimbo, piteira, pito, varão, falo, pica, jeba, tora, pinto, pênis, pau, cacete, caralho, rola... podem ter a mesma voz e arquitetar o mesmo sentido. O objeto torna-se desejo.

Quando esta tensão atinge o sensível, ela nos torna parceiros desta violação, cúmplices do sentido íntimo destas formas. Palavreando Bataille: “Os corpos se abrem para a continuidade através desses canais secretos que nos despertam o sentimento de obscenidade. A obscenidade significa a desordem que perturba um estado dos corpos que estão conformes à posse de si, à posse da individualidade durável e afirmada.”<sup>3</sup>.

O obsceno atravessa o olhar, conduzindo-nos à indistinção. É impossível a dissociação destes objetos, visto que o cruzamento entre os distintos materiais modifica a eles próprios, rompendo com a ideia de autonomia dos artefatos. Tal ação faz com que as peças potencializem sua sexualidade. Movimento que, em sua proporção, torna viva a matéria inanimada.

Rodeamos a mesa posta com olhos daqueles que devoram um banquete. Pedaco por pedaco, em um encaixe perfeito de corpos, cada qual composto por um tipo de carne. Madeira, borracha, osso, metal e pedra, estes são os grandes protagonistas da cena. Relíquias tencionadas umas contra as outras. O encaixe é o que sustenta as esculturas aparentemente estáveis. Há uma surpreendente junção, ou melhor, uma espécie de transgressão. A posição dos objetos (o duro em fricção com o mole e principalmente aquilo que é interdito) expõe a

questão decisiva para a atividade. Fato: é o erótico grande responsável pela deformação.

O membro apresenta um pequeno orifício, buraco, fenda, furo em suas extremidades que pode, ou não, ser preenchido. Aquele que se encaixa em seu pito pode abafá-lo, deixando-o sem ar e muito satisfeito. Ocupar uma de suas aberturas para, então, compartilhar a mesa posta. Seus parceiros são relíquias, colecionadas ao longo de uma vida. Artefatos que guardam histórias, lembranças para quem as possuiu. A relação de poder entre os objetos e o autor é de ambiguidade. Colocá-los em exposição é, mesmo que de forma subjetiva, pôr em exibição o autor.

O banquete segue. Traga-se o prazer de desfrutar aqueles que estão sobre a mesa.

### ***onde barro a casa o corpo***

Em uma sala vazia, quatro pessoas e quatro toneladas de argila. O peso do barro fresco pousa no assoalho, as solas dos pés tocam sua superfície. A argila penetra cuidadosamente entre os dedos de cada performer e cobre um pouco dos calcanhares. Eles vestem apenas barro, cueca e camiseta branca. A maciez do piso massageia o passo lento do caminhar. Pouco a pouco, os pés são abraçados por aquela massa.

A umidade que sai do chão paira no ambiente. O cheiro de terra ocupa toda a sala, preenchendo os espaços vazios contornados pelos indivíduos. Aos poucos, o suor humano faz-se presente. A respiração se mescla com as bolhas de ar presas na argila, fazendo o ar entrar e sair, e, novamente, sair e entrar. Os poros se abrem ao ponto de tocar as paredes e subir até o teto. Não há mais distinção entre corpo, casa e barro.

Cada performer carrega um balde metálico com vaselina e um banquinho de madeira. As ações são simples: caminhar, sentar e modelar. Paulatinamente os verbos são contemplados. Formas topográficas vão surgindo sobre os pés em busca de sustentação. A argila se equilibra na vertical, que ainda mole aguenta a ereção.

Um frente ao outro, os performers se tocam através do barro. O movimento das mãos lembra masturbação. Só esta cena seria suficiente para sermos levados ao gozo. A sensualidade daquele toque faz despertar a imagem de um falo endurecendo entre os dedos do amante. Vai e vem, desliza com suavidade, umidifica e o acaricia com ternura. O gesto é simples e só a prática pode alcançar a perfeição.

Sempre com cuidado, o performer tem a consciência de que apenas um toque em falso pode desencadear um desmoronamento. Basta um leve

vacilo para a forma estremecer. É preciso lembrar que a ruína está mais próxima do que se imagina. A arquitetura que se arma guarda o corpo, “corpo que também está no cerne da escultura, que dá corpo a uma ideia.”<sup>4</sup>. O homem, o barro, a vaselina e a ação de construir. O erótico segue abrindo espaço para o profano e o sagrado<sup>5</sup>. O trabalho carrega em si um gesto racional, porém potencializado por uma abrupta sensualidade.

Concluído o ato, os performers se retiram e resta ao espectador desfrutar esse deleite. Os que não assistiram à performance seguem as marcas deixadas na argila. Já aqueles que o testemunharam ao vivo, guardam a umidade entre as pernas.

2 “Isto não é um cachimbo”, de René Magritte

3 George Bataille, *O Erotismo*, pag 14

4 Palavreando Claudio Cretti « Definição de Georges Bataille, *O Erotismo*, pág. 30: “As expressões mundo profano (= mundo do trabalho ou da razão) e mundo sagrado (= mundo da violência) são, entretanto, muito antigas. Mas profano e sagrado são palavras da linguagem irracional”.